

## As relações feudo-vassálicas e senhoriais na *Crônica de Hainaut*, de Gisleberto de Mons (c. 1150-1225)

Maraísa Aparecida de Lima<sup>1\*</sup> (IC), Guilherme Queiroz de Souza<sup>2</sup> (PQ).

E-mail: marocahlima@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Goianésia, Goiás. CEP.: 76.380-000

Resumo: A presente comunicação analisa a feudalidade e o feudalismo, ou seja, as relações entre a aristocracia (laços de vassalagem), e as relações entre senhores feudais e camponeses, respectivamente, conforme a “Crônica de Hainaut” escrita pelo clérigo Gisleberto de Mons (c. 1150-1225). O principal objetivo do autor era a construção da biografia de Balduíno V (1150-1195), conde de Hainaut e Flandres, e por meio dela traçar sua descendência, sempre ressaltando a imponência e a virilidade do homem. O objetivo de início é fazer um mapeamento das relações feudovassálicas e senhoriais na Crônica, por meio de palavras-chave como vassalo, homenagem, feudo etc. Trabalhamos no sentido texto-contexto, numa leitura e interpretação da Crônica à luz da historiografia especializada e com atenção aos conceitos da edição original em latim. Conhecer e analisar a importância das relações entre senhores e vassalos naquela época para a construção da sociedade, conceituar, exemplificar e explicar os rituais simbólicos que englobavam e fundamentavam a vassalagem. Portanto é inegável a contribuição das concepções de Gisleberto presentes na *Crônica de Hainaut* sobre os três pilares da sociedade, pois conhecia de fato e em prática tais exemplificações, e sem dúvida menciona todos os nomes mais importantes daquele período.

Palavras-chave: Feudalismo e feudalidade; *Crônica de Hainaut*, Gisleberto de Mons; Idade Média.

### Introdução

O projeto se propõe a analisar as relações feudo-vassálicas e senhoriais na *Crônica de Hainaut*, escrita pelo clérigo Gisleberto de Mons (c. 1150-1225). A Crônica abrange vários aspectos sociais (econômicos, políticos, religiosos, etc.) dos séculos XI e XII, e tem como principal objetivo remontar a genealogia dos condes de Hainaut e Flandres através da construção da biografia do conde Balduíno V (1150-1195), esta que fora feita após sua morte para evitar má distribuição de suas posses.

### Material e Métodos

Nosso método utilizado foi a leitura e interpretação da *Crônica de Hainaut* à luz da historiografia especializada. Para tanto, trabalhamos comparativamente com as edições em espanhol, inglês e português da obra. Quando existiram problemas conceituais ou de tradução, empregamos a edição em latim. Da mesma forma, confrontamos a Crônica com outras fontes coetâneas, entre as quais a *Vita Karoli Comititis Flandriae* (1127), de Galberto de Bruges. Relacionamos texto-contexto, com atenção especial às palavras-chave (“feudo” e “vassalo”, por exemplo) retomadas pelos autores.

## Resultados e Discussão

Le Goff brilhantemente afirma e exemplifica como a sociedade feudal era impregnada por simbolismos, tanto que o estudo desta pode ser feito através deste parâmetro. O homem medieval quando estava inserido no contexto vassálico fazia uso de três elementos simbólicos: os gestos, as palavras e os objetos. Faz referência aos rituais vassálicos como sendo semelhantes ao batismo, pois o vassalo expressa um desejo de tornar-se o homem de outro homem de forma fiel e comprometida (LE GOFF, 1993, p. 328-329).

Apesar de José Mattoso esclarecer que não existe documentação precisa o suficiente a respeito da sociedade feudal que esclareça plenamente e igual um código feudal, ou seja, a maneira exata como o contrato era firmado (1988, p. 12), a forma mais comum pela qual se estabelecia a relação feudo-vassálica é a seguinte:

Oferece uma cerimônia ritual mais ou menos idêntica em todas as regiões: o vassalo, ajoelhado, pronuncia inicialmente uma fórmula de homenagem (“Eu me torno teu homem...); a seguir, de pé, jura, sobre a Bíblia ou sobre relíquias, fidelidade ao senhor; por fim, este último o investe o feudo, entregando-lhe um objeto que o simboliza (ramo, erva, torrão de terra) ou que representa um poder (cetro, anel, bastão, luva, estandarte, lança). Genuflexão troca de beijos e gestos litúrgicos acompanham a cerimônia, que pode ser definitiva ou periodicamente renovada. (PASTOUREAU, 1989, p. 35)

Ainda sobre a última frase de Pastoureau, Le Goff demonstra não existir dúvidas de que o beijo era nos lábios. “Segundo os documentos reunidos por Chénon, não parece haver dúvidas. O *osculum* vassálico é um beijo na boca, *are ad os*, conforme afirma o cartulário de Montmorillon, a propósito de um tipo de contrato

análogo” (p. 332). “Mas aqui, a meu ver, o importante não é a iniciativa do gesto, mas sim a reciprocidade que parece ter existido em toda a parte. O *osculum* é, entre o senhor e o seu vassalo, um beijo ritual mútuo. Um dá, o outro retribui” (p. 333)

Esta descrição deixa claro o papel da dinâmica corporal e espiritual da Idade Média, a importância dos toques e aproximações. A partir daquele momento, segundo Le Goff, o vassalo torna-se homem de mãos e lábios de seu senhor. O vassalo deve fornecer ao seu senhor ajuda e conselho, mostrando-se merecedor do benefício. É denominada felonía a falta de compromisso com as obrigações, a sanção mais grave seria mesmo o confisco do feudo. Claro que juntamente com a ruptura do juramento de fidelidade, este quase nunca era feito com o uso de armas, porém no caso extraído da *Crônica* é o seguinte:

Balduino II, que dominava todo o condado de Hainaut, concedeu muitos bens em terras no território de Avesnes e em outros lugares a Gosuino, homem nobre e oriundo da vila de Disy-le-Verger, em Cambrai, par do castelo de Mons. Ele lhe rendeu homenagem Lígia enquanto possuiu e estava obrigado a prestações contínuas por seu estágio no castelo. Contudo, apesar da fidelidade jurada a seu senhor, **ele empreendeu a construção de uma torre em Avesnes sem nenhum direito e contra a vontade do conde.** Logo, admoestado pelo próprio conde **recusou-se acudi-lo perante o tribunal de sua corte. O conde Balduino lançou-se em armas contra ele e foi a seu encontro com muitos de seus homens...** (GISLEBERTO DE MONS, s/d, p. 15) Grifos meus.

Segundo Ganshof o serviço militar que foi prestado pelo vassalo é a principal razão para o senhor firmar tantos contratos, pois assim lhe será disposto alguns cavaleiros. (1976, p. 118). Esta prática é a denominada de *auxilium*, descrita da seguinte forma pelo autor “... compreende primeiro que tudo o serviço e, muito particularmente na época aqui considerada, o serviço militar prestado a cavalo” (GANSHOF, 1976, p. 118). Na *Crônica* um exemplo de auxílio aparece da seguinte forma “Arnulfo recorreu ao auxílio de sua mãe Riquilda, de seu irmão Balduino II e dos nobres de Hainaut” (GISLEBERTO DE MONS, s/d, p. 3).

Já neste exemplo extraído da *Crônica* tem-se uma peculiaridade, o fato de as mulheres tornarem-se proprietárias de feudos. Segundo Ganshof (1976, p. 189-191) as mulheres passaram a receber feudos, principalmente a partir do século XII, esta prática era muitas das vezes uma exceção, mas aos poucos passa a ser recorrente; no entanto a mulher precisava e alguém que a representasse, pela fragilidade de seu sexo. Ainda cita que um dos primeiros casos de entrega de um feudo para uma mulher é feito pelo duque da Lotaríngia justamente à condessa Riquilda.

## Considerações Finais

A contribuição do desenvolvimento do projeto é em direção ao crescimento dos estudos medievais no Brasil, principalmente em solo goiano, e usar de forma direta a *Crônica de Hainaut*, pois esta exemplifica diversos fatores da sociedade dos séculos XI e XII, levando a uma maior compreensão do momento histórico.

## Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás (UEG/Goianésia) pela bolsa, apoio e incentivo à pesquisa, e também, e principalmente, ao Prof. Dr. Guilherme Queiroz de Souza pela orientação e apoio na construção e desenvolvimento do projeto.

## Referências

### Fontes Primárias:

GISLEBERTO DE MONS. **Crônica de los condes de Hainaut**. Tradução de Blanca Garíde Aguilera. Madrid: Ediciones Siruela, 1987.

GISLEBERTO DE MONS. **Crônica de Hainaut (c.1171-1195)**. Tradução e notas de Ricardo da Costa, com revisão de Francisco José Pereira das Neves Vieira. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/cronica-de-hainaut>>. Acesso em 16/02/2017.

### Fontes secundárias:

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GANSHOF, François Louis. **Que é o feudalismo?** Lisboa: Europa-América, 1976.

LE GOFF, Jacques. A Europa feudal, séculos XI-XII. In: **As Raízes Medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 76-142.

LE GOFF, Jacques. O ritual simbólico de vassalagem. In: **Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 325-385.

MATTOSO, José. Investigação histórica e interpretação literária de textos medievais. In: **A Escrita da História. Teoria e Métodos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p.

115-126.

PASTOUREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da tavola redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII.** São Paulo: Companhia das letras, 1989.

RUIZ-DOMENEC, José Enrique. Prólogo. In: GISLEBERTO DE MONS. **Cronica de los condes de Hainaut.** Traducao de Blanca Garı de Aguilera. Madrid: Ediciones Siruela, 1987, p. IXXIV.